



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA:
CONCEPÇÕES DOCENTES FRENTE À DOMINAÇÃO SIMBÓLICA**

SAMARA FERNANDES DE BARROS

GUARABIRA-PB

2016

SAMARA FERNANDES DE BARROS

**QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA:
CONCEPÇÕES DOCENTES FRENTE À DOMINAÇÃO SIMBÓLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva.

GUARABIRA-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B277q Barros, Samara Fernandes de
Questões de gênero na escola [manuscrito] : concepções docentes frente à dominação simbólica / Samara Fernandes de Barros. - 2016.
32 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Alômia Abrantes da Silva, Departamento de História".

1. Questões de Gênero. 2. Dominação Simbólica. 3. Concepções Docente. I. Título.

21. ed. CDD 305.4

SAMARA FERNANDES DE BARROS

**QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA:
CONCEPÇÕES DOCENTES FRENTE À DOMINAÇÃO SIMBÓLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

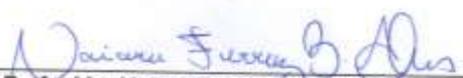
Orientadora: Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva.

Aprovada em: 27/10/2016.

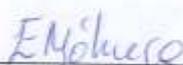
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr. Elísa Mariana M. Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. CULTURA E DOMINAÇÃO DE GÊNERO: REFLEXÕES TEÓRICO- METODOLÓGICAS.....	08
3. O OLHAR DOCENTE FRENTE À CONDIÇÃO FEMININA NA ESCOLA.....	13
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
5. REFERÊNCIAS.....	25
6. APÊNDICE.....	27

QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: CONCEPÇÕES DOCENTES FRENTE À DOMINAÇÃO SIMBÓLICA

Samara Fernandes de Barros¹

RESUMO

As relações de gênero, feminino e masculino, e suas complexidades históricas trazem à tona levantamentos e críticas socioculturais e políticas ao redor da dominação simbólica, imposta pela visão machista, muitas vezes imperceptível pelas sutilezas do cotidiano e, com isso, disseminada deliberadamente em vários espaços, inclusive na escola. O objetivo do presente artigo é compreender como os (as) professores (as) da Escola Estadual João Ribeiro, da cidade de Gurinhém-PB, percebem e abordam a questão de gênero (considerando o domínio masculino sobre o feminino) no espaço da sala de aula. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com aplicação de questionários aos professores (as) das áreas de Ciências Humanas da escola mencionada. A investigação revelou que o olhar docente frente à condição feminina na escola, enfrenta dificuldades sobre a forma de lidar com questões de gênero na escola, a dificuldade de idéias formadoras e reflexivas na quebra da desigualdade de gênero. Diante das falas dos respondentes, percebeu-se a necessidade de capacitação de professores (as) sobre as relações de gênero, que seja capaz de propiciá-los (as) apoio pedagógico para que possam adquirir posturas reflexivas sobre a dominação simbólica e, conseqüentemente, sentirem-se seguros sobre os problemas enfrentados na sala de aula, na escola e para além delas.

Palavras-Chave: Questões de gênero na escola. Dominação simbólica. Concepções docentes sobre gênero.

INTRODUÇÃO

As mulheres, definidas a partir de diferenças biológicas, sexuais, foram tratadas por muito tempo como sujeitos invisíveis socialmente. Segundo Louro (1997, p. 17), “tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos”. Para a autora, ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em muitos e diversos momentos da História.

¹ Aluna de graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba. Campus III.
Email: samarabarro7@hotmail.com

Reconhecer as ações de invisibilidade, como descreveu Louro (1997), requer um exercício de muita reflexão, até porque a maioria das sociedades tem estabelecido, ao longo dos séculos, a divisão masculino/feminino como algo fundamental e tem compreendido tal divisão como relacionada ao corpo. No caso, ressaltamos que não se segue, necessariamente, a conclusão de que as identidades de gênero e sexuais são tomadas da mesma forma em qualquer cultura na qual a condição feminina é carregada de preconceitos, desvalorização e exclusão imposta pelo poder machista, tendo em vista que cada sociedade tem suas particularidades. No entanto, na contemporaneidade, verifica-se como algo comum a imposição de uma violência simbólica² permeada pela dominação masculina sobre a feminina

A violência simbólica pode ser percebida em várias instâncias da vida e do cotidiano, como por exemplo, no casamento, tendo em vista que por tradição o homem dá como significado a mulher, um “nome”. Assim como descreveu o antropólogo e sociólogo Pierre Bourdieu (2014, p. 66), “o mercado matrimonial está na base de toda ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos”. Demonstrando assim na sua fala, o poder simbólico dado aos homens, pelo reconhecimento invisível da união patriarcal. No qual o autor ainda descreve, Bourdieu (2014, p. 66); “em que cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens”.

A discussão dessa temática é de suma importância, uma vez que ainda há uma discrepância na igualdade entre os gêneros, feminino e masculino, diante do processo lento e gradual em que o feminismo vem tentando conquistar numa sociedade que tem como “legado” igualdade a todos, em meio aos chamados direitos dos homens.

Em suas análises, Foucault (1988, p. 24) diz que:

O movimento feminista, em seu início, teve como sua meta conquistar a igualdade de direitos entre homens e mulheres e garantir a participação da mulher na sociedade de forma equivalente. Pode-se dizer que o movimento feminista foi e ainda é um movimento político e intelectual que vem desfazer a ideia de que há uma diferença entre os gêneros. As mulheres acreditavam que elas, por si só, deveriam lutar pela conquista de suas independências.

² Segundo Bourdieu (2014, p. 5-6) resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

Motivados por essas problemáticas, nosso objetivo foi o de compreender como os (as) professores (as) da área de Ciências Humanas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia), no Ensino Médio, da Escola Estadual João Ribeiro, da cidade de Gurinhém-PB, percebem e abordam a questão de gênero (considerando o dominação masculina sobre o feminino) no espaço da sala de aula. Mediante o exposto tema, interessa-nos observar o olhar docente frente à condição feminina no espaço escolar, tendo em vista que a escola é uma instituição responsável pela educação de seus indivíduos, já que não está imune ao tratamento discriminatório.

O nosso campo de pesquisa teve como lócus investigativo a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Ribeiro, na cidade de Gurinhém-PB, enquanto espaço social que comporta os diferentes gêneros. Nossas análises se situam a partir do olhar dos (as) professores (as) da área de Ciências Humanas em relação a questões de gênero, considerando a dominação do masculino sobre o feminino, com abordagem sobre a construção histórica e cultural, no que diz respeito aos lugares de falas, de relação de poder e vozes sociais que permeiam as relações escolares, incluindo o processo de ensino aprendizagem. Lembramos que o (a) professor (a) parte como ponto fundamental na construção de identidade social de seus/suas alunos (as), uma vez que podem possibilitar a percepção dos mesmos, como sujeitos e agentes da História ao estabelecê-los a pluralidade e a diversidade das experiências individuais e coletivas no constante processo de mudanças e permanências ao longo do tempo, as diferenças, as semelhanças e as desigualdades.

Desse modo, a percepção dos professores no seu âmbito de trabalho, a sala de aula, mediante posicionamentos e ideologias que perpassam perante seus alunos (as), e a forma como é encarada a dominação simbólica entre os gêneros, feminino e masculino, diante do machismo que categoricamente simbolizam o poder ao homem, forma uma relação de importante comprometimento para com seus alunos (as), visando que a educação busca transformar novos cidadãos capazes de interagir em uma nova forma de pensamento crítico perante a essa dominação masculina, mesmo quando há um envolvimento de seus sujeitos. Sendo assim, é importante frisar que:

O ensino é uma práxis social complexa. Realizado por seres humanos entre seres humanos, é modificado pela ação e relação dos sujeitos (professores e alunos) situados em contextos (institucionais, culturais,

espaciais, temporais, sociais), e, ao mesmo tempo que é modificado nesse processo relacional contextualizado, modifica os sujeitos envolvidos. (ALMEIDA E PIMENTA, 2014, p. 20)

Mediante o contexto apresentado, elencamos a seguinte questão norteadora: Como os professores da área de humanas, da escola estadual João Ribeiro, percebem e abordam a dominação de gênero (masculino sobre feminino) no espaço da sala de aula?

CULTURA E DOMINAÇÃO DE GÊNERO: Reflexões teórico-metodológicas

No que se refere aos valores culturais, à construção de uma cultura se reflete no anseio da história, na qual, o ser humano passou a ter a necessidade de entender a complexidade do meio em que vive em suas diversas formas de sobrevivência, comportamentos, ideias, práticas sociais e símbolos. O meio social desde seus primórdios atua como influência sobre os indivíduos. Muito do que se pode analisar cultural e historicamente, o feminismo tornou possibilidades de fuga dos espaços, diante situações de opressão em meados do século XIX, e mais significativas no século XX, lutando contra a superioridade e a dominação imposta pelos homens.

Como descreveu Scott (1991, p. 44)

Ignorar este caráter social e historicamente construído pode ser um grande equívoco quando trabalhamos com conceito de gênero, cujo cerne é sair de explicações das desigualdades fundamentadas sobre as físicas e biológicas, afinando seu caráter, social, histórico e político.

Desta forma, a construção de dominação de gêneros, masculino sobre o feminino, foi se configurando, gradativamente, em forma de discurso e de imagem, portanto, de forma natural e cultural – o que caracteriza os valores herdados historicamente a ambos os gêneros. Todavia, não estamos querendo, com esta pesquisa, buscar repostas concretas da forma pela qual se definiram tais valores, mas de sintetizar que a divisão de valores simbólicos é percebida pelo viés cultural e materializada na prática cotidiana, inclusive no espaço da sala de aula. A partir disso, pode-se considerar que as práticas culturais tornam-se um legado a toda a

humanidade. No mundo moderno líquido³, os valores culturais e as ideologias vivem em processo de transformação, ao longo do tempo, moldando comportamentos e atitudes, condicionando regras e normas, diversificadas nos sujeitos.

A cultura influencia e cria o comportamento humano, e as identidades na contemporaneidade estão sendo moldadas como elementos cruciais de discussão entre a sociedade tradicional e moderna, o meio social e à questão de gênero, em que o feminismo ficou subordinado ao poder masculino. Em um modelo de sociedade patriarcal, as mulheres se tornam aptas aos serviços domésticos, a ter filhos e obedecer a seus maridos. No meio moderno líquido e não natural das coisas, o que se pode identificar quando o feminismo atua no âmbito público, ocupando lugares antes tidos como meramente masculinos. Então, as divisões de lugares que foram herdadas a eles/elas e que hoje assumem outros significados podem ser questionadas como uma “crise de identidade”? Vejamos o que Hall (1992) fala sobre identidade:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 1991, p. 7).

Neste contexto identitário, os estereótipos vão se acentuando diante do “mundo doméstico feminino e do mundo público masculino. Dessa leitura, podemos extrair que o gênero não é fruto da natureza, e sim uma construção social e histórica que atribui lugares a homens e mulheres com base nas diferenças entre os sexos biológicos, no qual, o que incrementa a noção de gênero e a sua subjetividade, condizendo não apenas a questões biológicas, sexo, mas que a identidade dada ao feminino é discursivamente construída culturalmente, respaldada nos discursos representacionais em que funcionam.

³Adotamos esta proposição de Bauman (2013) como referência ao hibridismo e diluição dos processos históricos e sociais. Pois, o que torna “líquida” a modernidade, e assim, justifica a escolha do nome, é sua “modernização” compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo.

Para Butler (2015), a construção identiária do sujeito feminino vem carregada de uma série de exercícios excludentes em que o masculino é a referência. Para a autora:

A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. (BUTLER, 2015, p. 21).

Com base nas representações herdadas culturalmente, nota-se a profundidade dos conceitos dado ao gênero, feminino e masculino, que é marcada sobre uma dominação simbólica, representações e significados, em que faz questionar-se até quando, ou até que momento, a identidade masculina sobre a feminina se elevará de forma tal universal.

Nestas perspectivas, Swain (1996) diz que “a aproximação binária das relações entre os gêneros, a universalização dos quadros de dominação do feminino pelo masculino, a eterna luta dos sexos são assim recolocadas em seu lugar.” Isto significa dizer que existe esquemas datados de representação e de interpretação do mundo. A autora continua:

Estes esquemas operam como re-criadores do mundo, tal como podemos vê-lo, em condições de possibilidade precisas e sobretudo, tal como gostaríamos que fosse; representar nunca é, portanto, uma atividade neutra, pois a emoção e a afetividade impregnam o olhar posto sobre a realidade. As representações e seus corolários, a divisão do mundo, o estabelecimento das normas, dos valores, das hierarquias, dos quadros de vida, emergem aos olhos do analista em todos os discursos, em todos os textos, inscritos, iconográficos, imagens, símbolos. Expressam igualmente suas condições de produção em redes de sentidos singulares, históricas. (SWAIN, 1996, p. 132).

Na tentativa de se buscar uma sociedade igualitária a ambos os gêneros, surge à indagação se as escolas, assim como os (as) professores (as) da área de humanas, que parte como ponto crucial e inicial na formação de seus sujeitos, consegue visualizar formas de dominações simbólicas e de poder dentro da sala de aula.

Em linhas gerais, é importante ressaltar que entendemos a área de humanas como constituinte de um eixo articulador no processo formativo dos (as) alunos (as), capaz de propiciar rupturas nos preconceitos, nas desigualdades sociais, culturais,

políticas e econômicas, tornando os sujeitos escolares, cada vez mais, indivíduos capazes de construir um lugar mais justo a partir da diferença de gênero, e a condição feminina exposta a elas.

Complementarmente em relação à questão apresentada acima, Louro (1997, p. 58) diz que “a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”. Entendemos então o papel da escola é transmitir conhecimentos fundamentais para a formação de seus sujeitos críticos, capazes de compreender as experiências sociais como dinâmicas e múltiplas sujeitas a relações de poder, e posteriormente, a desigualdades, os preconceitos, que entre as expectativas de aprendizagem, surge-se a possibilidade de mudanças, empatias e superações. Valorizar a capacidade dos indivíduos de realizar leituras sobre o mundo em que vive.

Nosso estudo tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa em educação, que leva em consideração as questões socioculturais, indagando e problematizando acerca de seus limites e possibilidades, na busca de responder determinados objetivos específicos. Como descreve Turato (2005), as pesquisas que utilizam o método qualitativo devem trabalhar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, ao mesmo tempo em que busca analisar de forma investigativa, através de um questionário aberto, em que permite a liberdade ilimitada do respondente com base em suas reflexões, em descrever. Nas palavras de Gil (1999, p.132), este tipo de pesquisa reflete “conteúdo sobre fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação, comportamento presente ou passado, entre outros”.

Com o intuito de compreender como a escola situa e se apropria da temática em tela, nossa investigação levou questionários abertos para professores da área de humanas, da escola João Ribeiro, conforme citada na introdução, tendo em vista que cada disciplina é composta por um (a) professor (a), portanto, foram investigados quatro professores(as) da área.⁴

⁴ Formação de cada professor (a): P1_ Licenciatura Plena em Geografia. Especialização em Gênero, Diversidade pela escola. Professor substituto, lecionando na sua área. Idade 33 anos. Solteiro; P2_ Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Espanhola. Cursando Especialização em Supervisão e Orientação Educacional. Atualmente leciona a disciplina de Sociologia e Espanhol. Idade 26 anos. Solteira; P3_ Licenciatura Plena em História. Atualmente Leciona a disciplina de Filosofia e Historia. Idade 37 anos. Casada; P4_ Não forneceu de seus dados.

Godoy (1995) já dizia que o ambiente natural torna-se fonte direta de dados e o pesquisador, o instrumento fundamental. Salientamos, desde já, que, devido aos princípios éticos seguidos nesse trabalho optamos por não citar nomes dos sujeitos pesquisados, evitando algum possível constrangimento. Os (as) professores (as) participantes serão citados como: P1 (Professor de Geografia), P2 (Professora de Filosofia), P3 (Professora de Sociologia), e P4 (Professor de História).

A escolha em investigar professores (as) da área de humanas se sobressai na tentativa de averiguar se estão preparados a trabalhar determinadas questões de gênero, masculino sobre feminino, assim como visualizar formas de dominações simbólicas dentro da sala de aula e para além dela, considerando que seus conceitos, suas ideologias, herdadas culturalmente na contemporaneidade, também partem como um processo importante para uma (re) construção de saber, capaz de romper preconceitos, desconstruírem ações e atitudes para além do espaço escolar.

Os questionários são compostos por três perguntas e duas situações reflexivas sobre a questão de gênero no processo de ensino-aprendizagem, e para além dele. Com base nas respostas, tecemos algumas considerações sobre como a imagem da mulher está sendo tratada cultural e historicamente e dentro da escola, bem como a importância de inserir o feminismo enquanto sujeitos históricos.

É preciso que se diga que a escola é desafiada a não ser mais um espaço simples de reprodução de saberes científicos, mas um espaço no qual se encontram envolvidos inúmeros agentes e interesses políticos, sociais, culturais e econômicos. Como papel fundamental, o (a) professor (a), torna-se agente na sua prática docente em intervir e promover atitudes, valores, comportamentos, ou ao menos, diminuir essa desigualdade entre os gêneros, masculino sobre o feminino. Relevante a essa tentativa de desigualdade, e pelo amplo campo que a Ciências Humanas abrange, fica evidente a impossibilidade de se ministrar aulas nessa disciplina, sem fazer suscitar nos sujeitos a capacidade de reflexão.

A especificidade das ciências humanas está no fato de que seu objeto é o texto (ou o discurso) (1992:31). Em outras palavras, as ciências humanas voltam-se para o homem, mas é o homem como produtor de textos que se apresenta aí. Dessa concepção decorre que o homem não só é conhecido através dos textos, como se constrói enquanto objeto de estudos nos e por meio dos textos, o que distinguiria as ciências humanas das ciências exatas e biológicas que examinam o homem “fora do texto” (BARROS, 1997 p.28).

Em decorrência desta especificidade, as Ciências Humanas assumem uma posição decisiva no processo de desmistificação e reintegração dos saberes garantindo também a possibilidade de despertar sua consciência, ampliando assim sua visão de mundo, de forma que ele venha a atuar como sujeito sociocultural, voltado para a busca de caminhos de transformação social. Nesse sentido, enquanto conjunto de disciplinas formadoras cabe as Ciências Humanas promoverem a descoberta do significado do conhecimento, da cultura humana e, em especial, da própria ciência, já que os profissionais que nela atuam são seres humanos, produtores de cultura.

O OLHAR DOCENTE FRENTE À CONDIÇÃO FEMININA NA ESCOLA.

Mediante os processos culturais que configuram por meio de simbologias construídas ao longo do tempo, as identidades dos sujeitos passaram a ser representadas pelos paradigmas herdados historicamente, impulsionados pela visão falocêntrica de dar a cada gênero definições biológicas, embora a própria visão estereotipada alimente na contemporaneidade outros conceitos sexistas. Assim como afirmou Scott (1991, p. 4), “o gênero [...] é uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres”.

As dominações caracterizam os seus devidos lugares sociais atribuídos a ambos os gêneros, feminino e masculino. Nesse contexto, o âmbito escolar se apresenta como o meio onde se consegue verificar a presença da violência simbólica, mesmo que, as vezes, simbolicamente, pois a ela torna-se um dos campos mais eficazes em legitimar a reprodução das estruturas sociais diante da doutrinação e dominação que é percebida nos gêneros, masculino sobre o feminino, mas também ela é capaz de modelar determinados significados, no qual a liberdade de escolha de cada indivíduo seja essencial para a transformação e desconstrução de determinados conceitos no mundo moderno líquido.

Pode-se dizer que, em tempos líquido-modernos, a cultura (e, de modo mais particular, embora não exclusivo, sua esfera artística) é modelada para se ajustar à liberdade individual por essa escolha; e

que sua função é garantir que sua escolha seja e continue a ser uma necessidade e um dever inevitável da vida. (BAUMAN, 2013, p.17).

Neste sentido, a partir de agora, apresentamos as falas dos professores e das professoras respondentes dos questionários para refletirmos o viés de dominação simbólica identificáveis nas questões de gêneros na escola e situarmos o olhar do docente frente às relações escolares que comportam os diferentes sujeitos. Dito de outra forma, a ideia é discutirmos não somente as facetas obscurecidas quanto às relações de gênero, mas também se verificar como os docentes se situam em relação ao papel que devem desencadear com relação ao tema, dentro da sala de aula.

Na questão que reflete sobre os papéis dos docentes em como desempenhar em relação aos estudos dos gêneros, que condiz com a questão de numero um, considerando a dominação simbólica (masculina sobre a feminina) construída historicamente, o professor P1 e a professora P3 esclarecem o papel do professor fundamental na quebra de estereótipos. Para o P1: “buscando através de discussões e ensinamentos minimizar a diferenciação estereotipada pela sociedade”. Já nas poucas palavras da professora P3, descreve o papel do (a) professor (a) “é tentar romper com essa idéia de dominação simbólica construída historicamente. como mediador do conhecimento, o papel do professor é fundamental na construção ideológica”.

Nas falas apresentadas, a cima, observe-se o modo como distinguem o papel do docente, fundamental em minimizar as construções estereotipadas dado aos gêneros, historicamente e pela sociedade. Porém, a professora P3 ainda revela que diante desses estereótipos “sabemos que em algumas técnicas os homens se saem melhor, já em outras, as mulheres podem se sair melhor, porém um completa o outro, sem preconceito, sem machismo, sem discriminação.” Na sua fala, deixa desconecta a validade da perda do estereótipo, por distinguir lugares sociais a ambos os gênero, a partir das técnicas exercidas pelo homem e pela mulher ao longo do tempo, em que o machismo, o preconceito e a discriminação se sobressaem nos afazeres sociais, havendo, assim, uma construção ideológica sobre as distinções de identidade, e, portanto, generalizadas há muitos anos, porém, ainda vigente nos dias atuais como salienta Bourdieu (2014, p. 46.):

Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob a forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética. Assim como a moral da honra masculina pode ser resumida em uma palavra [...] enfrentar, olhar de frente e com a postura ereta (que corresponde à de um militar perfilado entre nós) [...] do mesmo modo a submissão feminina parece encontrar sua tradução natural no fato de se inclinar, abaixar-se, curvar-se, [...] na docilidade correlativa que se julga convir à mulher.

Em relação à mesma inquietação, a professora P2 afirma que:

O professor deve conscientizar o aluno mostrando que não há distinção de papéis, cada indivíduo desempenha o papel que lhe é conveniente sem ater-se às questões de gênero, elas nada mais são que ideias distorcidas e generalizadas há muitos anos.

Pela fala da professora podemos observar, embora não se expressando da melhor forma, que a divisão de papéis são idéias distorcidas, criadas ao longo do tempo, ou seja, cada indivíduo deveria desempenhar aquilo que deseja ser, sem se preocupar com visões generalizadas. No entanto, não se pode afirmar que “não há distinção de papéis”, pois, o movimento feminista se tornou importante fuga à opressão as mulheres, por colocar nos espaços públicos os problemas enfrentados na sociedade ao lutarem contra a superioridade e a dominação imposta pelos homens, demonstrando assim, que sempre houve uma distinção dos lugares sociais.

Em todo caso, é relevante salientar que o estereótipo incorporado e materializado culturalmente em ambos os gêneros define o peso determinante dos bens simbólicos, caracteriza normas e comportamentos a cada gênero, feminino e masculino e ordena os lugares sociais cabíveis a cada um pela sua “essência” biológica e natural, aquela que condiciona valores e que são expressos na sociedade e na escola. Na questão de número dois, procuramos perceber o modo pela qual os estereótipos são materializados, e segundo o professor P1:

O papel do homem e da mulher é construído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Desde a barriga da mãe, a criança já começa a sofrer influência por parte dos pais e familiares [...] propor o enxoval da criança conforme o sexo da criança. Se for menino a cor é azul, e para a menina o rosa. [...] Quando a criança chega na (sic.) escola ela exhibe comportamento estereotipado de gênero.

Da mesma forma, a professora P3 esclarece que:

O conceito de gênero é uma construção sociocultural que atribui, a homem e mulher, papéis distintos na sociedade, que depende dos costumes de cada lugar [...] as mulheres são vistas como passivas atribuindo-lhes as qualidades como: paciência, fragilidade, emoção, enquanto os homens lhe atribuem qualidades ativas como: agressividade, força e dinamismo.

As ideias expressas pelos docentes P1 e P3 são convergentes. Neste sentido, o olhar de tais docentes contribui para analisarmos as diversas formas como as pessoas são influenciadas a generalizar determinados conceitos e lugares sociais pela definição de gênero. De acordo com Butler (2015) os vários atos de gênero criaram a ideia de gênero, e sem atos não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que ele expresse ou exteriorize, nem tão pouco um ideal objetivo ao qual aspire, bem como não é um dado da realidade. Nestas perspectivas, acreditamos que cada momento histórico conseguiu transmitir atributos considerados “normais” vislumbrando sua gênese, ou seja, definindo o conceito de mulher desde o seu nascimento e seu órgão genital.

Na fala do professor P4, “tal realidade é consequência da pouca exploração do tema nas escolas. A clareza do conceito de gênero que vai além da diferenciação biológica precisa ser incorporada ao currículo educacional.” Complementarmente, a professora P2 diz que “embora nossa sociedade seja machista, no ambiente escolar não são explícitos os distintos papéis dos gêneros”.

Apesar de alguns docentes conseguirem analisar o peso da cultura no mais forte alicerce da dominação, em muitos casos, os (as) professores (as) se deparam com situações diversas de dominação simbólica dentro da sala de aula, mas poucos conseguem identificá-las pelo fato de serem consideradas normais – do ponto de vista cultural, naturalizado. É o que chamamos de dominação simbólica sutil, perante a fragilidade da percepção cotidiana. Levando isso em consideração, elaboramos uma situação em que avaliasse se há alguma relação de dominação simbólica no fato, por exemplo, da mulher ficar responsável pelas comidas e os homens pelas bebidas, numa possível festa de comemoração em que uma turma resolve fazer, e a distribuição das tarefas é dividida como um acordo em sala de aula. É o que configura a situação de número três.

Na situação acima, a professora P3, descreve de forma sucinta, que “há uma dominação simbólica do homem, tendo em vista a cultura histórica que perpetua até nossos dias.” Ela esclarece que:

As mulheres levam as comidas porque do ponto de vista cultural elas dominam ou pelo menos devem dominar essa técnica. [...] o homem, por sua vez, como culturalmente não foi feito para cozinhar e sim para trabalhar, levam o refrigerante.

O embasamento e reflexão da fala da professora acima deixa nítida a divisão dos bens simbólicos pelo viés cultural, que determina técnicas adequadas a cada gênero. Hipoteticamente, há a descrição de que o sexo masculino deve, de fato, dominar a técnica, pois, na fala da professora, “o homem não foi feito pra cozinhar e sim para trabalhar”. Este tipo de análise nos permite inferir que há uma associação das atividades produtivas à ideia de trabalho, ficando demarcada à divisão sexual e inferiorização da condição do gênero feminino em relação ao masculino.

O entendimento da docente abre possibilidade de discutirmos os tipos de trabalhos socialmente atribuídos aos gêneros. Mesmo que sutilmente, a professora entende que o que difere a técnica de trabalho na cozinha é a representação biológica, aonde a mulher representa ser dona do lar, em que não se pode atuar em espaços públicos, diferente do homem em ficar responsável em levar o refrigerante.

Este tipo de análise reflete o modelo de sociedade em que o homem, por sua vez, atua cada vez mais como o peso determinante na economia. Como aponta Bourdieu (2014), na divisão do trabalho de manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribui aos homens o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas, de representação, e em particular de todas as trocas de honra. Sendo assim:

“(já foi inúmeras vezes observado que, na publicidade ou nos desenhos humorísticos, as mulheres estão, na maior parte do tempo, inseridas no espaço doméstico, à diferença dos homens, que raramente se veem associados à casa e são quase sempre representados em lugares exóticos), entre os lugares destinado sobretudo aos homens, como bares e os clubes...” (BOURDIEU, 2015. p. 84-85)

Ainda sobre a questão de número três, mediante a situação da mulher ficar responsável pelas comidas e os homens pelas bebidas numa possível confraternização na escola, a professora P2, o professor P1 e o P4 têm a imagem perceptiva do mundo social de inferiorização quanto a reprodução biológica. Para o P2: “é como se a mulher tivesse obrigação de saber cozinhar, como se essa tarefa fosse específica e inata à classe feminina.” Já o P4 afirma que: “na situação apresentada a mulher teria a tarefa de preparar a comida para o homem consumir

com sua bebida, ou seja, sutilmente a mulher é colocada como serviçal". Na ótica do P1:

Este tipo de atitude reproduz o estereotipo de que meninas têm o domínio das tarefas domésticas, que são prendadas, enquanto os meninos não sabem cozinhar, pois o homem não nasceu para fazer trabalhos que sempre foram atribuídos às mulheres.

Com base nas considerações do professor P4, ainda sobre a divisão de tarefas na situação acima referenciada, podemos perceber que, para ele, cada opinião depende do contexto de seus participantes. Nas palavras do professor:

Em uma sala de aula que claramente a facilidade de selecionar o melhor cardápio seria do grupo feminino, teriam tido uma atitude de organização, pois ocorreria uma escolha inteligente para a realização da confraternização, identificando as potencialidades de cada grupo.

De forma mais amplo, esse constructo social demonstrado nas falas dos (as) professores (as) se vê aliado aos valores e posições pré-concebidas, armadas e fundamentadas aos interesses políticos e machistas ao longo do tempo, em que o gênero feminino deve estar apto aos serviços domésticos. Mediante aos processos intelectuais, cívicos, políticos e socioculturais em que a luta feminista foi ganhando força, entendemos que nos dias atuais o gênero feminino ainda perpetua determinadas ideologias, ensinamentos, representações e discursos que alimentam os estereótipos machistas.

Sendo assim, vale ressaltar que a escola surge como ponto essencial na tentativa da perda desses discursos. No entanto, é nesse intuito em que se deve perceber o problema de gênero, masculino sobre o feminino, dentro da sala de aula e fora dela. De acordo com Louro (1997), a escola não elimina as disparidades em relação aos gêneros, mas reduz, problematiza e forma o sujeito reflexivo. O problema é que muitas vezes ela acaba por legitimar tudo isso. E como professores (as), prestamos pouca atenção à eficiência da normatização cotidiana, continuada, naturalizada em seu espaço.

Na medida em que há uma visão preconceituosa sobre as qualidades do feminino, entendendo o feminino como gênero que deve estar apto a cuidar do lar, ter filhos e obedecer a seus maridos, gera-se outra noção de preconceito, a de inferiorizar a capacidade da mulher em saber, ou nada saber de atividades diversas como, por exemplo, o domínio da tecnologia. O trabalho mal remunerado, junto à

visão de uma mentalidade fértil se faz nascer à lógica essencialmente social que as mulheres não são capazes de ocupar posições profissionais iguais aos homens. Este tipo de atitude vem gerando conflitos e lutas pela busca de visibilidade social.

E depois de longas lutas das mulheres para fazer reconhecer suas qualificações, as tarefas que as mudanças tecnológicas radicalmente redistribuíram entre os homens e mulheres serão arbitrariamente recompostas, de modo a empobrecer o trabalho feminino, mantendo, decisoramente, o valor superior do trabalho masculino. (BOURDIEU, 2014. p. 89)

Tendo em vista a desqualificação profissional e tecnológica, criamos uma situação para que os respondentes pudessem analisar a dominação simbólica mediante a necessidade de o professor precisar de ajuda técnica na sala de aula e recorrer inconscientemente aos meninos (gênero masculino). O que corresponde à quarta alternativa do questionário.

Diante da situação analisada, o professor P1 esclarece essa visão de forma delimitada entre os sexos na sala de aula:

O conceito de gênero é compreendido como a desnaturalização do sexo, delimitando o poder entre os sexos, ou seja, as mulheres são vistas como frágeis ou poucos domínios determinados tarefas e isso é representado no momento em que a professora recorre aos meninos, por acreditar que eles dominem as tecnologias e as meninas não.

O professor P4 não deixou muito claro sua opinião sobre a situação elaborada na questão de número quatro. Para ele, as questões trazem situações que se assemelham com a questão de número três. Nas palavras do P4: “minha opinião seria a mesma da questão anterior”. No entanto, ressaltamos que as questões apresentam, sim, situações que se assemelham, mas refletem contextos diferentes. Não queremos, portanto, fazer análises ofensivas sobre suas falas, por isso, optamos por desconsiderar alguma possível interpretação em relação a sua resposta no que diz respeito a tal situação. Sobre a questão três, ele afirma o seguinte::

“Quanto a minha opinião, dependeria do contexto e de seus participantes. Em uma sala de aula que claramente a facilidade de selecionar o melhor cardápio seria do grupo feminino, teriam tido uma atitude de organização, pois ocorreria uma escolha inteligente para a

realização da confraternização, identificando as potencialidades de cada grupo.

Já a professora P3 declarou que:

A princípio como se trata do inconsciente não vejo como dominação simbólica, tendo em vista que nesse aspecto de tecnologia, homens e mulheres dominam essa técnica por que essa a geração de jovens que vivem na era da globalização.

Subtende-se que mesmo numa situação hipotética, alguns casos de dominação simbólica não conseguem ser compreendidos por alguns docentes por estarem justamente enraizados na nossa cultura de forma naturalizada. A professora não identificou que a forma inconsciente do professor em sala já revela um modelo machista em que o masculino quem domina questões técnicas e tecnológicas.

Ainda sobre tal situação, a professora P2 diz que “não há justificativa além de ser ele [professor] machista inconscientemente. Sabendo-se inclusive que não é ignorância de sua parte, mas algo automático e arraigado à nossa cultura e que as vezes não nos damos conta.

A fala da P2 já situa uma visão mais atenta quanto às questões simbólicas de dominação. Para ela, o automatismo da ação do docente em sala de aula foi condicionado pelos enraizamentos culturais, colocando o professor em uma condição vitimizada. No entanto, este modo de pensar da professora contraria sua reflexão inicial quando diz “não haver justificativa”, colocando o professor na categoria de “machista inconsciente”. Neste caso, respaldados em Bourdieu (2015, p. 17), podemos refletir que:

Como estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina; Arriscamo-nos, pois, a recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação.

Nossa ultima questão, reflete se há uma atitude dos (as) professores (as) em instruir determinadas questões sobre estudo de gênero, de forma pedagógica e metodológica na sala de aula, considerando a dominação simbólica (masculino sobre o feminino) construída historicamente. A ideia é questionar se os (as)

professores (as) abordam, e como abordam as questões de gênero durante suas aulas.

Segundo a professora P2: “em sociologia é comum trabalharmos as lutas sociais ao longo da história, nesse contexto, é imprescindível falarmos da luta feminina para conquistar seu espaço na sociedade que sempre usurpou seus direitos...” No decorrer da sua fala, fica notório que a professora aborda as questões de gênero durante as aulas, porém não ela não evidencia os recursos utilizados para se alcançar determinados objetivos no que tange os problemas de gênero. Já o professor P4 afirma que aborda as questões de gênero, porém “de forma esporádica com pouco planejamento”.

Nas demais falas, como na do professor P1 e da professora P3, ficam notórias que ambos abordam as questões de gênero na sala de aula e utilizam de habilidades pedagógicas para contribuir para a formação de novos valores com relação ao preconceito e discriminação. Para P1: “Através de discussões em sala de aula abordando os diferentes papéis que homens e mulheres exercem na sociedade.” A professora P3 diz que: “Com assuntos do cotidiano fazendo questionamentos sobre textos e notícias da atualidade, como o intuito de enxergarem diante do debate a presença do preconceito e do machismo, contudo, todas as opiniões são aceitas para que possamos analisá-las e refletir sobre elas”.

Sobre esta segunda pergunta, o professor P4 diz:

O(a) próprio (a) professor (a) terá que desconstruir o conceito de gênero que até então ele(a) possui. Estudar, pesquisar, debater e tomar atitudes diárias que possam favorecê-lo(a) nessa desconstrução. Não será uma tarefa fácil, usarei novamente as palavras de Pierre Bourdieu, como quebrar a dominação masculina se ela está tão imbricada no nosso inconsciente e nas formas mais simples de organização do pensamento e da linguagem?

Percebemos que professor recorre a teorias para salientar a dificuldade da quebra da dominação simbólica, partindo do pressuposto de que é tarefa do(a) próprio(a) professor(a) buscar soluções individuais para que isso aconteça, inclusive utilizando alguns métodos pedagógicos. Implicitamente, ou não, o professor acaba por perceber a deficiência da escola em implantar formação continuada que auxilie as discussões de gênero, enquanto compromisso de atuação no espaço escolar.

Identificamos nas falas dos (as) professores (as) que os mesmos atentam para a existência da dominação simbólica perante os gêneros na sala de aula,

apesar de que, em algumas falas se percebe, mesmo que invisivelmente, a perpetuação da dominação simbólica (masculino sobre feminino). No entanto, trabalham de várias formas pedagógicas e conscientes do meio cultural em que cada aluno está inserido.

Uma leitura mais ampla nos permite dizer que a forma que o (a) professor (a) está atento (a) as suas responsabilidades como educador (a). É inegável a importância das habilidades dos docentes em preparar os membros da sociedade para a participação da vida social, apesar dos problemas enfrentados na educação, como a falta de um alicerce pedagógico que auxilie na sua formação e contribua para fortalecer seu ponto de vista diante dos problemas sociais enfrentados na sociedade. No entanto, trabalhar a diversidade na escola é urgentemente necessário, considerando a complexidade e as questões segregacionistas presentes na sociedade.

A diversidade é fator de qualidade. Não é a qualidade do ensino que acarreta uma coexistência pacífica e um convívio democrático com a diversidade. Mas o contrário: é a promoção da diversidade que conduz a educação de qualidade. Somente alcançaremos uma educação de qualidade se promovermos o convívio cidadão, o reconhecimento da diversidade, a inclusão e o pertencimento de todas as pessoas. (JUNQUEIRA, 2007, p. 59).

Percebemos que diante da condição feminina visualizada inicialmente, como forma de dominação machista na sociedade e a forma como está sendo encarada no âmbito escolar, questiona-se a possibilidade de minimizar as desigualdades entre os gêneros. Portanto, é preciso, sim, que se diversifiquem as práticas pedagógicas para que possa auxiliar no respeito às diferenças de gênero dentro da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa revela que ainda persistem certas dificuldades reflexivas relevantes aos questionamentos sobre as relações de gênero, e a forma de encará-los no âmbito escolar, no qual, dificulta uma análise aprofundada de suas reais práticas pedagógicas e metodológicas, a fim de salientar sua visão norteadora sobre a dominação simbólica entre os gêneros, no espaço da sala de aula.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa os resultados revelam que existe certa dificuldade dos docentes lidarem com as questões de gênero na escola, principalmente quando se trata de reflexões referentes à dominação simbólica.

Ao percebermos as dificuldades dos docentes sobre as definições e reflexões sobre a temática em tela, percebemos que estamos diante das transformações dos grandes paradigmas educacionais, que passam a serem mediadores entre os (as) alunos (as,) em relação ao saber escolar e a influência do mundo "lá fora", assim como da globalização, a mídia, a internet e demais aspectos sociais.

Como um todo, consideramos que os (as) professores (as) se vêem cobrados a responderem as demandas sociais, a violência, ao acúmulo de informações, entre outros que exigem constantes desafios pedagógicos por parte dos docentes frente às diferentes situações ocorridas no espaço da sala da aula, como por exemplo, aquilo que pode ser identificado por naturalizado.

O processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". (LOURO, 1997. p. 63)

Mesmo com dificuldades enfrentadas, existem avanços sobre a relação de poder exercida no gênero feminino, ao ponto de que se percebe como os educadores, e parte da sociedade contemporânea, estão atentos a essa dominação, depositada ao gênero feminino, e nessa busca de direitos iguais, o feminismo tem alcançado várias conquistas, como por exemplo, comandam escolas, universidades, empresas, cidades e países como foi o caso da ex-presidente Dilma Roussef, que apesar da notoriedade, a campanha contra ela tornou muito visível a resistência as mulheres no poder, na esfera política.

Acreditamos que com base nas práticas educativas o docente pode reconstruir e se reposicionar frente às diversas questões e desenvolver mecanismos que constituam avanços sobre os regimes de desigualdade de gênero, possibilitando outras formas de repensá-los e mudá-los. No entanto, considerando a forma como

determinados ensinamentos são repassados, os métodos utilizados podem colaborar para a perda dos estereótipos ou alimentando-os, tudo vai depender de como o docente situa seu olhar diante de uma determinada situação. Para tanto, é necessário estar munido de um embasamento científico e teórico para, então, pensar em alternativas eficazes para a eliminação das diferenças entre os gêneros, ou classificar lugares sociais a cada um deles.

O que se percebe nas respostas dos entrevistados é a pouca utilização de teoria científica para salientar os problemas enfrentados pelos gêneros, feminino e masculino, no espaço da sala aula, viabilizando a dificuldade de idéias formadoras e reflexivas na perca da desigualdade de gênero. O que talvez se possa afirmar a necessidade de apoio pedagógico, uma formação continuada pautada nos princípios pedagógicos, na pesquisa e posturas reflexivas, que acolha os docentes e para que possam se sentir seguros nos problemas enfrentados no espaço escolar, onde são os educadores que surgem como papel primordial para a socialização dos gêneros, feminino e masculino. Tudo isso se faz necessário pelo fato de que:

A formação contínua constitui processo privilegiado de interface das instituições formadoras com o profissional em exercício, permitindo o tratamento dos aspectos teóricos epistemológicos da formação em articulação com seus problemas concretos, valorizando os processos de produção de conhecimentos construídos no trabalho docente, pelo envolvimento com a investigação e a pesquisa no campo da educação e de sua área específica. (FREITAS, 2004, p. 112).

A escola surge, assim, como espaço de formar cidadãos conscientes e críticos diante dos problemas de gênero, feminino e masculino, que ainda se perpetuam nos dias de hoje. Ela não tem função de determinar os gêneros, mas pode pensar em maneiras burocráticas e éticas de respeito à opção individual de cada sujeito. Em todo caso, não devemos desconsiderar as transformações geradas pela luta de mulheres feminista ao longo da história que conseguiram e estão conseguindo, ainda mais, serem ouvidas e aceitas na sociedade. Em todo caso, independente da função social, todo sujeito em seu lugar de fala deve ter sua voz ouvida, inclusive na escola.

CUESTIONES DE GÉNERO EN LA ESCUELA: CONCEPCIONES DOCENTES FRENTE A LA DOMINACIÓN SIMBÓLICA

RESUMEN

Las relaciones de género, femenino y masculino, y sus complejidades históricas traen a la luz encuestas y críticas socioculturales y políticas alrededor de la dominación simbólica, impuesta por la visión machista, muchas veces imperceptible por las sutilezas del cotidiano y, con esto, diseminada deliberadamente en varios espacios, inclusive en la escuela. El objetivo del presente artículo es comprender como los (as) maestros (as) de la Escuela Estadual João Ribeiro, de la ciudad de Gurinhém-PB, perciben y abordan la cuestión de género (considerando la dominación masculina sobre la femenina) en el espacio del aula de clase. Tratase de una encuesta de abordaje cualitativa, con aplicación de cuestionario a los maestros (as) de las áreas de Ciencias Humanas de la escuela mencionada. La investigación reveló que el mirar docente frente a la condición femenina en la escuela, enfrenta dificultades sobre a la forma de lidiar con cuestiones de género en la escuela, la dificultades de ideas formadoras y reflexivas en el destrozo de la desigualdad de género. Frente a los relatos de los entrevistados, se percibió la necesidad de capacitación de los maestros (as) sobre a las relaciones de género, que sea capaz de propiciarlos (as) apoyo pedagógico para que puedan adquirir posturas reflexivas sobre la dominación simbólica y, consecuentemente, para que se sientan seguros sobre los problemas enfrentados en el aula de clase, en la escuela y para más allá de ellas.

Palabras-llave: Cuestiones de género en la escuela. Dominación simbólica. Concepciones docentes sobre género.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Contribuições de Bakhtin às teorias do Discurso**. In: Bakhtin, dialogismo e construção do sentido/ Beth Brait (org.) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura do mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros – 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. – 2º ed. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**; Tradução Renato Aguiar. _ 8º ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.
- ALMEIDA, Maria Isabel de. Estágio Supervisionado na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos/ Maria Isabel de Almeida, Selma Garrido Pimenta (org.) – São Paulo: Cortez, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FREITAS, Helena Costa Lopes de. Novas políticas de formação: da concepção negada à concepção consentida. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Op. cit., p.7. 1991.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. UNESCO, 2009. Disponível em: http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/repositorio/39/diversidade_sexual_na_educacao_e_homofobia_nas_escolas.pdf. Acesso em: 12 de julho de 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: Peter Burkner (org). A escrita da História: Novas perspectivas. São Paulo. Editora Unesp, 1992.

SWAIN, Tânia Navarro (1996). **A construção imaginária da história e dos gêneros**: O Brasil no século XVI. Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UNB, Brasília, vol. 4, n. 2.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde**: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Revista de Saúde Pública, 2005. Jun. 39(3):507-14.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO ABERTO

- 01-Em sua opinião, que papel o professor ou a professora deve desempenhar em relação aos estudos dos gêneros, considerando a dominação simbólica (masculino sobre o feminino) construída historicamente?
- 02-Como você percebe os papéis sociais dos gêneros masculinos e femininos construídos culturalmente na sociedade e expressos na escola?
- 03-Supondo que uma de suas turmas resolve fazer uma confraternização, com direito a comer e beber. Na hora de distribuição das tarefas, a turma decide, em como um acordo, que as mulheres levam as comidas e os homens levam as bebidas. Nessa situação, você identifica alguma forma de dominação simbólica? Justifique.
- 04-Imaginando que, normalmente, um(a) professor(a) ministra suas aulas utilizando alguns recursos tecnológicos (computador, data show, etc.).Sempre que tal docente precisa de alguma ajuda técnica recorre, inconscientemente, aos meninos da sala. Você identifica alguma forma de dominação simbólica? Justifique.
- 05-Você costuma abordar as questões de gênero durante suas aulas? Se sim, de que forma? Se não, Por quê?